

O PROGRAMA DE APOIO À APRENDIZAGEM COMO POSSIBILIDADE DE APRENDER E SER ALFABETIZADORA: RELATOS AUTOBIOGRÁFICOS

Reigiele Oliveira Santos¹

Evellyn Sena Damasceno²

Maria Izabel Lopes de Araujo³

Resumo

Este trabalho tem como objetivo geral compreender o Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP) como possibilidade de aprender a ser alfabetizadora, a partir de relatos autobiográficos produzidos no percurso formativo na Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I. Desdobra-se em três objetivos específicos: discutir o conceito de alfabetização e sua articulação com o PAAP; analisar a trajetória da Educação Básica ao Ensino Superior, sinalizando rupturas e permanências; e refletir sobre as contribuições do curso de Pedagogia na construção da identidade da pedagoga como alfabetizadora. A pesquisa fundamenta-se na abordagem (auto)biográfica de Souza (2010) e Passeggi (2010), possibilitando a percepção do sujeito e objeto da investigação, ao revisitar memórias, registros de estágio e vivências em espaços escolares e não escolares. Os resultados evidenciam como a articulação entre teoria e prática, especialmente por meio dos estágios curriculares e da inserção no PAAP, foi decisiva para o amadurecimento profissional e para a consolidação da identidade docente. As experiências revelam desafios relacionados às desigualdades educacionais e à recomposição das aprendizagens, exigindo intervenções pedagógicas intencionais e contextualizadas. As análises das narrativas e documentos reafirmam que a educação pode transformar o indivíduo para além da ampliação do conhecimento, contribuindo para a constituição de sua identidade e para o desenvolvimento de uma postura crítica e reflexiva. Conclui-se que o processo de tornar-se alfabetizadora é contínuo, marcado por ressignificações; sendo a graduação em Pedagogia e o PAAP em espaços fundamentais para a evolução crítica e epistemológica na formação docente.

Palavras-chave: Pedagogia; Alfabetização; Formação; Identidade; PAAP.

Introdução

Este artigo articula aspectos relacionados à memória e à interdisciplinaridade na relação teoria-prática, considerando a formação inicial de professoras/es como um espaço privilegiado de reflexão sobre as exigências contemporâneas da atuação pedagógica, especialmente no campo da alfabetização e do letramento. Nesse sentido, evidencia como as experiências de vida, os estágios curriculares em Espaços Não Escolares, Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Gestão e Coordenação Pedagógica, os Núcleos de Iniciação à Docência (NIDs) e a inserção em programas institucionais e extensionistas contribuíram para a construção da identidade docente, a partir do percurso formativo no curso de Licenciatura

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: reigielesantos@gmail.com.

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: senaevellyn38@gmail.com.

³ Doutora em Ciências da Educação. Professora na Universidade do Estado da Bahia. E-mail: mlaraujo@uneb.br.

em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I.

A investigação fundamenta-se na abordagem (auto)biográfica, ancorada em contribuições como Souza (2010) e Passeggi (2010), compreendendo a narrativa de si como potência de construção de conhecimento e de ressignificação do que foi observado, problematizado e relatado. Ao revisitar a própria trajetória, marcada por origem em contexto social vulnerável, interrupções no percurso escolar e superações pessoais, destaca-se que a docência se constrói em diálogo constante entre história de vida, formação pedagógica e prática profissional.

No campo teórico, o trabalho dialoga com as concepções defendidas por Magda Soares, no livro ‘Alfabetização e Letramento’, que compreende a alfabetização como processo de apropriação do sistema de escrita articulado às práticas sociais de leitura e escrita. Soma-se a essa perspectiva a visão crítico-libertadora de Paulo Freire, especialmente em ‘Pedagogia do Oprimido’ (2005), ao defender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua construção. Nessa direção, ressalta-se a importância da interdisciplinaridade como estratégia pedagógica que integra saberes, aproxima conteúdos da realidade dos estudantes e potencializa aprendizagens significativas.

As vivências nos estágios curriculares, realizados em contextos escolares e não escolares, revelaram a complexidade da prática docente, exigindo sensibilidade, planejamento, domínio teórico e capacidade de adaptação às diferentes realidades. Destaca-se, ainda, a experiência no Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP), iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de Salvador voltada à recomposição das aprendizagens e à redução da defasagem educacional. A atuação no programa possibilitou compreender, de forma concreta, os impactos das desigualdades no processo de alfabetização e a necessidade de intervenções pedagógicas intencionais e contextualizadas.

Assim, o artigo busca evidenciar como a formação inicial não se encerra na dimensão teórica, mas se consolida no movimento reflexivo teórico-prático. Os desafios enfrentados ao longo da trajetória reafirmam como a docência, especialmente na Educação Básica, implica compromisso social, postura crítica e permanente disposição para aprender e reconstruir saberes.

Metodologia

Para iniciar a execução do trabalho, optou-se pela pesquisa autobiográfica, abordagem conhecida a partir das contribuições do professor Eliseu Souza, especialmente em sua obra

‘Inversões de vidas’, compreensão de itinerários e alternativas de formação. A partir desse referencial, encontrou-se a fundamentação teórico-metodológica para a utilização dos registros de estágio e do cotidiano em sala de aula como fontes de análise e produção deste estudo. A autobiografia permite que o sujeito seja o autor da própria narrativa. Como ressalta Passeggi (2010):

por sua vez, o ato de (auto) biografar define-se por essa capacidade humana de se apropriar de um instrumento semiótico (grafia), culturalmente herdado, e se colocado no centro do discurso narrativo, (autobiografar), ou colocar o outro como protagonista de um enredo (biografar) (PASSEGGI, 2010, p.111).

Por meio da pesquisa (auto)biográfica, compreende-se que o sujeito constrói conhecimentos sobre si e sobre os outros. Sua centralidade no processo formativo evidencia a relevância de uma abordagem compreensiva, que valoriza as experiências vividas e suas ressignificações como elementos constitutivos da formação. Visto que:

a centralidade do sujeito no processo de formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações de experiências vividas, das relações entre a subjetividade e narrativas como princípios, e concede ao sujeito o papel de ator e autor da sua própria história (SOUZA, 2010, p. 163).

Ainda de acordo com Souza (2010), ao narrar a própria história, o sujeito toma consciência da relevância de assumir a autoria de sua trajetória, reconhecendo, nos detalhes mais singelos, os sentidos de uma longa caminhada de vida, além de perceber a potência dessa escrita como contribuição para a formação de outras pessoas. Nessa perspectiva, adotou-se a autobiografia como método de pesquisa, com o objetivo de reler os registros da trajetória pessoal e acadêmica, resgatando memórias significativas.

O processo de alfabetizar: perspectiva teórica

Escolheu-se a concepção de alfabetização como processo pelo qual o indivíduo passa a adquirir habilidades de decodificação do código da escrita, assim desenvolvendo as habilidades para a escrita e leitura. Para Soares (2024, p.16), a alfabetização é um “processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita”. Logo, considera-se alfabetizado o sujeito que reconhece e decodifica letras, sons, sílabas e palavras, compreendendo o funcionamento do sistema de escrita.

Nesse sentido, o processo de alfabetização corresponde à apropriação do princípio

alfabético, segundo o qual as palavras são constituídas por letras, que são denominadas grafemas, e que representam, na escrita, os sons da fala – nesse caso, os fonemas. Trata-se, portanto, da compreensão das relações entre grafemas e fonemas que estruturam o sistema alfabético da língua.

Segundo Moraes (2012), no verbete Alfabetização do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (CEALE), as pessoas consideradas alfabetizadas passam a usar o sistema de escrita alfabética (SEA). Nesse verbete, Moraes (2012), ressalta que o Sistema de Escrita Alfabética, é concebido como um Sistema Notacional (SNA) e não como um código. Para aprender um código, basta apenas decorar novos símbolos que substituem outros símbolos de um SNA já aprendido no processo ensino-aprendizagem.

Por isso, “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno” (SOARES, 2003). O educador brasileiro Freire (2005) afirma, em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, que alfabetizar a partir do contexto sociocultural do educando significa promover uma educação libertadora, na qual o indivíduo se reconhece como sujeito ativo de seu próprio processo de aprendizagem. Para o autor, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, de modo que o ato de ler ultrapassa a mera decodificação, constituindo-se como prática de conscientização e transformação social.

Desse modo, o desenvolvimento da leitura contribui para a ampliação da consciência crítica do aluno, favorecendo sua participação reflexiva no contexto atual em que está situado. Em consonância com essa afirmação, Soares (2024) também ressalta que a alfabetização representa o ponto de partida para a construção e ampliação do conhecimento, pois possibilita ao indivíduo apropriar-se do sistema de escrita e utilizá-lo como instrumento de compreensão, expressão e inserção social.

Contudo, essa construção vai além da decodificação dos códigos da escrita concentrando-se no processo de aprendizado de ler e escrever, denominado pela autora de letramento. Isto é a competência que se tem para o uso da escrita, dando a capacidade para o educando de se inserir nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, implicando na habilidade da leitura. Através do letramento, o aluno é capaz de compreender e interpretar o que lê.

Relatos de experiência

Como em todo campo de atuação profissional, é indispensável um período de

experiência que possibilite a compreensão e a vivência da prática institucional. No contexto dos espaços escolares e não escolares, essa necessidade também se destaca, uma vez que a atuação exige o domínio de saberes e vivências específicas. Sacristán (1995, p. 68) ressalta que “as profissões se definem pelas suas práticas e por um certo monopólio das regras e dos conhecimentos da actividade que realizam”.

Por isso, é necessário compreender as práticas pedagógicas que existem nos diversos espaços de aprendizagem, bem como a forma como essa aproximação ocorreu por meio dos Estágios Curriculares da UNEB. Nesse sentido, apresentam-se, a seguir, diferentes relatos das experiências vivenciadas, narrados em primeira pessoa, como parte constitutiva do processo formativo.

Iº ESTÁGIO (2022.1)

Os estágios curriculares foram os meus primeiros contatos com campo da educação escolar, já que não foram todos realizados em sala de aula. O primeiro estágio realizou-se no espaço não escolar Coletivo de Mulheres Creuza Oliveira, que é uma organização sindicalista que é resultado da intensa mobilização que é realizada pelo Sindicato Estadual das Trabalhadoras Domésticas da Bahia. Tem como objetivo a defesa dos direitos trabalhistas, localizado no bairro Mata Escura, em Salvador/BA, onde atende as mulheres da comunidade e adjacências, promovendo encontros com palestras, rodas de conversa, cursos de alfabetização, entre outros.

Nesse espaço coloquei em prática as atividades aprendidas na universidade, integrando a teoria e a prática, no primeiro momento conhecemos o público, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), com esse primeiro momento sendo em formato remoto. Logo após, conhecer o público, demos início no desenvolvimento do projeto de leitura, atividade que envolvia as leituras de receitas de forma interdisciplinar (português e matemática), voltadas para a comunidade do Coletivo com o objetivo de trabalhar com as dificuldades percebidas no processo de leitura dessas mulheres.

Deste modo, observando a realidade da comunidade, faz-se necessário destacar a importância da leitura através das experiências delas utilizando assim do gênero textual receitas, e o método freiriano trazendo seu cotidiano para que elas possam se reconhecer através da leitura e se promover como cidadãos.

IIº ESTÁGIO (2022.2)

Em gestão escolar, sendo realizado na Escola Estadual Luís Viana, localizada no bairro arenoso, no período noturno, o estágio em gestão faz parte do processo formativo do estudante de Pedagogia pois possibilita conhecer todos os campos que um pedagogo pode ter atuação, foi uma experiência significativa nesse momento foi possível conhecer um pouco do processo de como acontece a organização da escola tivemos a oportunidade de participar e ter a experiência de perto de ver como acontece essa gestão mesmo em um curto período de tempo deu para absorver um pouco desse processo.

IIIº ESTÁGIO (2023.1)

No estágio III, tive a minha primeira experiência na sala de aula. com a educação infantil com o grupo 5, durante 15 dias realizei foi realizado no Instituto Professora Hamilta de Educação e Cultura. Está localizado no Loteamento Sol Nascente, na Estrada das Barreiras, em Salvador/BA. É uma creche comunitária que tem como atividade principal a Educação Infantil, direcionada ao desenvolvimento em tempo integral de crianças de berçário até 5 anos da comunidade. Além disso, o instituto é uma Associação Privada que promove atividades de organização ligadas à cultura e à arte.

A Creche Comunitária apresenta um contexto de uma escola tradicional com salas simples, mas organizadas, com estruturas razoáveis e salas padronizadas, com apenas um banheiro para atender toda a creche. Não possui um espaço livre para as crianças brincarem, os alunos são da própria comunidade. Observamos crianças de 4 e 5 anos bem receptivas, comunicativas e muito atenciosas.

As crianças estavam no processo de alfabetização conhecendo a família silábica (fa, fe, fi, fo, fu), como estávamos na semana do meio ambiente trabalhamos com essa temática apresentamos para e juntamente com os alunos foram construídos murais em que eles faziam a separação dos animais marinhos e terrestre, além de dar continuidade com o processo de alfabetização.

IVº ESTÁGIO (2023.2)

No estágio IV, fiz aprofundamento, atuando no Colégio Estadual Roberto Santos na Silveira Martins, com a turma Tempo Formativo I, um período de 4 semanas, com aula 2

vezes na semana, desenvolvendo um projeto de leitura com a turma do 1º ano noturno, em que trabalhamos com esses alunos um projeto de leitura onde apresentamos os gêneros textuais.

Nesses primeiros momentos na sala de aula, senti um pouco de insegurança, mas, consegui desenvolver o que havia planejado, foi bastante desafiador para mim, pois, naquele momento era a hora de colocar em prática o que foi aprendido na universidade. Mas sentia que precisava desenvolver mais esse lado profissional, viver mais o contexto da sala de aula, compreender os desafios vividos diariamente pelos docentes.

Diante do contexto atual em sala de aula hoje me deparo com situações totalmente diferentes, em minha vivência estou aprendendo cada dia mais, cada momento na sala de aula é um aprendizado novo que me proporciona um olhar novo para cada situação. A experiência no PAAP me proporcionou um desenvolvimento maior neste tempo para adquirir novos conhecimentos.

Hoje percebo que mesmo estando dentro de uma sala de aula, os educadores precisam ir além não apenas para dominar o conteúdo, mas se preparar para os desafios que surgem e saber lidar com os assuntos extracurriculares que influenciam dentro da sala de aula. O estágio é uma etapa de aprendizagem que proporciona ao aluno colocar em prática o conhecimento alcançado durante o processo de formação. Durante essa experiência, o estudante pode analisar e articular a teoria e prática.

Considerações finais

A formação em Pedagogia possibilitou compreender o quanto a educação é capaz de transformar o indivíduo, ao proporcionar um ambiente de aprendizagem fundamentado na construção de saberes e conhecimentos entre todos os envolvidos. Essa experiência revelou-se significativa, sobretudo ao favorecer uma aprendizagem mútua e contínua, contribuindo para a formação ao longo da jornada acadêmica. As memórias construídas nas experiências de estágio ampliaram a percepção enquanto ser humano e fortaleceram a constituição da identidade profissional.

O estágio configurou-se como espaço de aperfeiçoamento da aprendizagem, ainda que o processo não tenha sido isento de desafios. Ao longo do percurso, diversos obstáculos se apresentaram; contudo, a determinação em concretizar o sonho da docência mostrou-se maior que as dificuldades encontradas. Os desafios surgidos durante a graduação funcionaram como estímulos para a superação e para a consolidação dos objetivos profissionais. Compreendeu-se

que, mesmo diante de momentos de instabilidade, não se deve abdicar da busca pelos próprios ideais. Ao refletir sobre o processo vivenciado, evidencia-se o significativo desenvolvimento pessoal e profissional proporcionado pelos estágios realizados tanto em espaços escolares quanto não escolares, os quais contribuíram de maneira decisiva para a formação.

Por meio do curso, houve a inserção no Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP), experiência que possibilitou vivenciar de forma direta a realidade da sala de aula. Essa etapa tem se mostrado fundamental para a transformação e o amadurecimento profissional, ao permitir o aperfeiçoamento da prática pedagógica e a articulação entre teoria e prática, especialmente no que se refere ao processo de alfabetização. A participação no programa favoreceu o fortalecimento da segurança profissional, superando medos e inseguranças anteriormente presentes.

Portanto, destaca-se que poucos sentimentos se equiparam à satisfação de testemunhar a autonomia de um estudante por meio da alfabetização. A experiência de acompanhar o desenvolvimento discente e perceber, no olhar de uma aluna ao final do ano letivo, a felicidade e a gratidão pelo processo vivido reafirma o sentido e a relevância da atuação docente na Educação Básica.

Referências

AZENHA, M.G. **Construtivismo: de Piaget e Emília Ferreira**. São Paulo, SP, ed. Ática, 1995.

BRASIL. Decreto n. 11.556, de 12 de junho de 2023. Institui o **Compromisso Nacional Criança Alfabetizada**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/>. Acesso em: 25 jan. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia para a implementação da recomposição das aprendizagens**. Brasília, DF: MEC, 2024.

CALIGARI, L.C. Alfabetização e Linguística. São Paulo: Scipione, [s.d.]. (Série **Pensamentos e Ação no Magistério**).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P, SHOR, **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PASSEGGI, Maria C. **Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório**. In:

PASSEGGI, Maria C.; SILVA, Vera B. (org.). **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Profissão professor: consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995. p. 63-92.

SALVADOR (Município). Secretaria da Educação. **Documento orientador: Programa de Apoio à Aprendizagem (PAAP)**. Salvador, BA: SMED, 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed., 7. reimpr. São Paulo: Contexto, 2024.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 0, n. 0, 2020. Disponível em:
-<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf>. Acesso em: 14 fev. 2026.

SOUZA, Elizeu Clementino. Acompanhar e formar – mediar e iniciar: pesquisa (auto)biográfica e formações de formadores. In: SOUZA, Elizeu Clementino. **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 157-179.